



Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO: — A Musica e as Revoluções.— Notas Vagas.— A escala tessaradécatonica.— Noticiario

A Musica e as Revoluções

E' erro suppôr que a nossa arte, para a qual os homens da politica portugueza costumam reservar o tregeito subtil de um *petit sourire narquois*, todo feito de superioridade e de importancia — é erro suppôr que ella não esteja mais ou menos estreitamente ligada á marcha da politica, e não vibre e evolucione com as grandes commoções sociaes, que se comprazem em vincar de novos aspectos o destino dos povos.

E é tão viva a impressão dos movimentos politicos, não só sobre a Musica mas tambem sobre a Pintura, que os principaes topicos da evolução d'essas duas artes correspondem, quasi em regra, aos signaes milliaros das grandes revoluções sociaes. Mas para que essa exaltação produza bons fructos é mister que o principio em que se baseiou seja grande, nobre e generoso, é mister que á necessidade incessante que tem as bellas-artes de se remodelar e crear orientações ineditas, corresponda uma ideia gigantesca, como foi o estabelecimento do christianismo, a reforma religiosa do seculo XV ou a revolução franceza.

Entendamo-nos bem sobre o sentido que aqui pretendemos dar á palavra «revolução». Não se trata, é claro, das simples commoções politicas, cuja acção se limita a substituir um tyranno por outro, a trocar um throno por uma tribuna ou a apear um rei para elevar uma centena d'elles, porque, em casos d'esses, o resto do edificio social não foi attingido nem ao de leve, e os homens, e as cousas, com pouco attendiveis differenças, subsistem taes como eram.

Trata-se das grandes renovações sociaes,

como foi sem contestação a de 89, em França. Essa teve os seus martyres, é certo: mas creou obras primas, fez nascer heroes, e deixou na sua passagem um rasto luminoso de poetas, de pintores e d'intellectuaes de toda a natureza.

O que deixou a de 1830, tambem em França? A *Parisienne*, cuja musica nem ao menos é franceza.

E a de 1848? A canção patriotica *Des lampions, des lampions ou du plomb*. Não tendo religião a defender, nem principio novo a proclamar, nem uma nem outra teve martyres, mas tambem não teve heroes. A revolução de 1848, feita sem nenhuma das ideias novas, grandes, generosas, que engendram a fé e a perseverança, não pode sustentar-se; faltou-lhe a força e energia de *La Montagne*, o talento e o patriotismo dos *Girondinos*. Afogou-se na verborreia dos seus oradores.

Assim, d'essas duas commoções, que se adornaram com o nome de *revolução*, nada resultou para as artes: não tinham uma verdadeira *razão de ser* e a sociedade não as havia reclamado. E foram tão desastrosas para as artes, para a industria e para o commercio, como a guerra dos escravos no reinado de Pompeu, a Jacquerie em França, a revolta de Watt Tyler em Inglaterra ou a insurreição de Lyon. O mesmo se ha de dar sempre que a scintella revolucionaria nascer do attrito entre as duas classes, que constituem a sociedade — a dos que *teem* e a dos que *não teem*.

Vejamos o que se passou com a revolução de 1789.

A politica havia effectivamente invadido tudo. Nas salas de baile e de concerto, a tribuna substituiu a orchestra; nos salões, a harpa, o cravo e o piano tiveram de ceder o logar ao *fauteuil* do orador. Mas a musica, suffocada um instante pelos clamores da praça publica,

não tardou em adquirir nova energia. Os poderosos d'então, que se tinham apoderado das redeas do Estado e governavam a França em nome do povo, reconhecendo a sua força sobre as massas, chamaram-a novamente para engrandecimento e brilho das suas festas. Mas era mais facil pensal-o que pôl-o em pratica. Já não havia instrumentistas; todas as orquestras estavam desorganizadas; os artistas viviam ignorados, quasi escondidos.

Foi então que appareceu um d'esses homens d'iniciativa, cujas ideias já vem maduras apenas esboçadas, e que não recuam deante de perigo algum para levar a bom termo a execução dos seus projectos. Foi Sarrette, que era, ao tempo, capitão no estado-maior do general La Fayette, chefe da guarda nacional. O joven official, que amava a Musica e os musicos, concebeu o projecto de formar um corpo especial d'instrumentistas, destinados tanto á execução como á instrucção.

O licenciamento das Guardas Francezas tinha deixado sem recursos quarenta e cinco musicos, cujo unico futuro era a miseria. Sarrette consegue reunil-os, assegurando refugio, á sua custa, tanto para elles como para os instrumentos que encontrou abandonados; organisa em seguida a sua pequena *troupe*, dá-lhe Gossec por chefe, confia os *ferrinhos* a Mehl, os *pratos* a Catel; depois, por intermedio do commandante da guarda nacional, consegue que o seu grupo fique definitivamente provido na celebração das festas nacionaes.

Mais tarde e como recompensa dos serviços prestados por essa restricta phalange de artistas, conseguiu ainda Sarrette que o seu numero fosse elevado a setenta e oito. Mas no meio do cataclysmo geral, diz Zimmermann em um artigo biographico sobre Sarrette, inserto na *France musicale*, comprehender-se-ha facilmente que os musicos tivessem de submeter-se á lei commum. E essa lei impunha uma grande abnegação, uma suprema indiferença em materia de honorarios; o grande imposto da occasião era o do maximo desinteresse e do maximo zelo em favor da causa publica. Sempre instigado pelo seu enthusiasmo e pela sua fé no futuro, Sarrette levou ainda mais longe a dedicação, pois, durante os seis mezes mais difficeis de 1792, custeou do seu proprio bolso o sustento de todos os que se lhe haviam associado.

Não sabemos quem disse que a revolução de 89 foi um grande drama, com letra de Chénier, musica de Gossec e *mise-en-scène* de David. Houve sem duvida, n'essa terrivel tragedia, scenas bem sangrentas e lugubres; mas quanta força, quanta energia no conjuncto! Tudo ali se inspira na grandeza do assumpto, tanto o poeta como o musico.

Viu-se então a Musica passar por uma radi-

cal transformação; de melodiosa e terna que era, tornou-se subitamente grave, forte, cheia de magestade. E' que esta arte, toda feita de sentimento e de imaginação, recebe, como nenhuma outra, o influxo do ambiente que a rodeia. Assim, os compositores, excitados pelo principio novo que se apoderava da sociedade, vincaram a sua obra de tão fundo enthusiasmo, que basta analysar as composições d'essa grande epoca, para nos sentirmos offuscados pelo brilho de uma gigantesca regeneração social.

Vimos como o corpo de musica da guarda nacional, organizado por Sarrette, foi chamado a collaborar nas festas civicas. Nunca houve mestre de musica que encontrasse artistas tão assiduos; ali não havia faltas a marcar. E comprehende-se bem esse zelo quando se souber que na algibeira dos membros do *comité* de Salvação Publica havia sempre certa lista, a que bastaria juntar um nome para que o menos pontual fosse mandado a Fouquier-Tinville sob a accusação d'*incivismo* e travasse pouco depois conhecimento com o pouco harmonioso instrumento do dr. Guillotin, cujo som, lugubre e surdo, tinha o condão particular de fazer entrar na ordem os mais preguiçosos.

Essa devoção do medo teve a sua recompensa: no fim do anno de 1792, a municipalidade de Paris adoptou a banda e fez d'ella uma escola gratuita de musica. O nucleo, que Sarrette havia installado na rua Saint-Joseph, deixou esse bairro e, por ordem do *comité* de Salvação Publica foi estabelecer-se, sob o nome de *Instituto Nacional de Musica*, na rua do Faubourg Poissonniere, no edificio dos Menus-Plaisirs. Sarrette chamou então a si uma multidão d'artistas, que a tormenta revolucionaria ia dispersar e que preferiram uma modesta mediania na patria ás vantagens que lhes podiam offerecer as terras estrangeiras.

Mas a devoção nem sempre era uma garantia de segurança. O proprio Sarrette, por denuncia d'um subalterno, foi internado em uma prisão, sem processo. Fôra o caso que um alumno da sua escola havia tocado na trompa a canção prohibida, *O Richard, o mon roi!* E não foi preciso mais; o director pagou pelo alumno e chegou até a fallar-se em exilio.

Como porém se approximasse o dia da festa do *Ente Supremo* e se visse que a presença do director do *Instituto Nacional de Musica* se tornava imprescindivel, abriram-se as portas de Sainte-Pélagie e Sarrette foi posto em liberdade. Liberdade relativa, que um *gendarme* se encarregava de fiscalisar tão conscienciosamente, que nem de noite, no proprio quarto conjugal, o abandonava.

Em 15 *praerial* de 1793, recebia Sarrette do *comité* uma missiva, assignada por Barrère, Carnot e Robert Lindet, em que se lhe annun-

ciava o envio de um hymno de Chénier, o qual devia ser posto em musica para a festa de 20 *prairial* seguinte. Gossec pôz logo mãos á obra e vinte e quatro horas depois era o hymno apresentado no seio da Commissão Nacional pelo director do Instituto. Mas Robespierre é que se não conformou com o hymno, indignando-se que um girondino, um federalista como Chénier houvesse sido encarregado de escrever o hymno nacional.

Sob a imposição do feroz proconsul, o hymno teve de ser refeito, pelo menos na parte poetica, e o cidadão Sarrette foi intimado a mandal-o ensinar a *todo o povo*, ficando, elle Sarrette, *responsavel pela boa execução do canto patriótico!*

E foi coisa curiosa vêr os professores do Instituto, Gossec, Lesueur, Mehul e os outros, empoleirados em cadeiras, nas praças publicas, cantando o hymno com verdadeiro furôr civico, ou rascando em rabecas tão desafinadas como as vozes dos seus innumerados alumnos.

Berra-se ao mesmo tempo e em todos os tons a musica de Gossec e a grande massa de coristas, refrescando o enthusiasmo com libações frequentes, acaba por levar o compositor em triumpho ao som, mais ou menos authentic, da sua propria melodia. E por fim, em 20 *prairial*, foi a capital acordada ao estrepito, problematicamente harmonico, mas sem duvida alguma imponente, de cincoenta mil vozes entoando em côro o famoso hymno ao *Ente Supremo!*

(Continúa).

L.



Cartas a uma senhora

160.^a

De Lisboa.

Seria talvez da praxe começar lamentando-me com V. Ex.^a pelo desaparecimento da Gioconda, que o grande Leonardo concebeu e realisou n'um minuto de genio, o qual minuto, para os effeitos do tempo, se conta por quatro annos. Mas attendendo a que já roça pela banalidade alludir a esse facto, que teve — *et pour cause* — as honras de acontecimento mundial, e que poderia parecer insupportavelmente pretencioso dizer-lhe que tambem como

creatura pensante e *sentinte* me reputo defraudado nas minhas emoções e preferencias, por estar condemnado a nunca mais admirar a inesquecivel e incomparavel obra prima de Vinci: limitar-me-hei a lastimar tal facto, que reveste em absoluto o aspecto d'uma catastrophe artistica, porventura irremediavel e digna do luto em que mergulhou a França, e com a França toda a humanidade culta, qualquer que seja o ponto do globo em que essa humanidade exista.

Lembrando-me, porém, que não vão decorridos muitos mezes, desde que dia a dia me enlevei na sua contemplação intensa e religiosamente a adorei em espirito, mal me pareceria que ao menos não acompanhasse cá de longe, os que, como a minha amiga, n'esta hora triste que passa, do coração choram a linda e enigmatica figura que mãos de criminoso ou de louco arrancaram do seu logar de quietação e amor para a levarem, Deus sabe a que destinos.

Ah! que é de descoroçar ás vezes dos resultados da civilisação se mais ou menos havemos de estar sempre dependentes de actos fanaticos de uns, de emprehendimentos perversos de outros, de destrambelamentos doentios de muitos, e sobretudo do egoismo feroz de todos.

Agora mesmo, interrompo a discussão com um fino e forte espirito simultaneamente analytico e synthetico, discussão em que tendo-se agitado assumptos varios, o meu erudito e paradoxal amigo chegava á conclusão, para mim dolorosamente pessimista, que fóra da emoção pessoal de cada um em presença da obra d'arte, tudo o mais eram convenções que outras convenções supplantavam ou destruiam, e que de nada valia por isso acalorar-nos tanto sobre determinados casos, pois elles com certeza deixariam indifferente e apathica toda a gente que não pense ou não sinta como nós pensamos e sentimos, e em verdade mesmo esse incidente da Gioconda em nada desviará o mundo da sua marcha inconsciente para novas catastrophes ou para velhos erros, que novamente se repetirão.

E no momento de nos separarmos pergunto a mim mesmo se assim será na realidade, e se para esse mundo inconsciente não haverá por assim dizer uma especie de padrões-typos que consigam reunir a unanimidade dos suffragios da intelligencia ou da sensibilidade.

Mais. Surprehendo-me a clamar se a final no fundo tudo se reduzirá a formulas inanes, a moldes passageiros, a verdades contingentes evolucionando sem descanso dentro do mesmo banal espaço, que com uma interrogação começa e com outra interrogação acaba.

Como quer que seja, eu continuarei acreditando que ha uma cousa chamada Civilisação, que outras existem definidas pelos suggestivos

nomes de Poesia e de Pintura, de Litteratura e de Musica, que ainda outras superiormente chamadas Philosophia e Sciencia, incessantes procuram congraçar o homem com a natureza e esta com a verdade e a vida, e de tudo isto extrahindo leis, principios, relações, que de alguma fórma diminuem ou transformam a nossa ignorancia collectiva, saciam ou mitigam a nossa sêde individual, melhoram ou acendram os nossos instinctos animaes.

Que alguns apodem de convenções, todas estas tentativas multiplas de harmonisar o enigma do universo com o enigma do ser, e que não raros deixem que tudo siga no ram-ram diario sem curarem das consequencias e nem sequer se entreterem a architectar hypotheses para o fim de satisfazerem curiosidades que não experimentam: — nada d'isto supprime ou oblitera os dados do problema posto por quem uma vez antes de nós pensou, e d'ahi apparecerem sempre mattoides que doentiamente magicam n'estas mirificas e arrevezadas singularidades.

Não, nada impede a esse mundo de que fazemos parte e a essa natureza que nós mesmo sômos, de a miude nos pôrem diante dos olhos da alma ou do corpo temerosos e transcendentos porquês que podem desprazer-nos ou confundir-nos mas que implacavelmente nos perseguem e tyrannicamente nos dominam.

Não tenho agora ensejo de desenvolver no ponto de vista nacional como é que certos d'esses porquês deveriam interessar-nos mais do que com effeito nos interessam, mas na proxima carta se me der licença, explanarei, podendo, as rasões a que obedeço para assim pensar.

Até lá e formando votos para que a Gioconda reapareça no céu da arte francesa e as nuvens d'uns *jucundos* d'outra especie hajam de todo sido varridas do céu das realidades portuguezas, finalisarei como o estoico: tortura, tortura, não me chegás á alma...

Afonso Vargas.



A escala tessaradécatonica

I

Tenho sobre a banca uma série de prospectos e cartas explicativas, que se referem a certos trabalhos de theoria musical, emprehendidos ultimamente pelo escriptor portuense, sr. José Pereira de Sampaio (Bruno) e a que os jornaes teem alludido em simples notas, mais ou menos vasias de commentarios e desprovidas por completo de qualquer elucidção, que permita uma nitida comprehensão do assumpto.

José Pereira de Sampaio não é positivamente um anonymo. Critico e philosopho, a par de notavel investigador scientifico e historico, o director da Bibliotheca do Porto tem o seu nome vinculado a publicações que sobremaneira honram o paiz e lhe dão pergaminhos de alta nobreza entre as mais puras intellectualidades da nossa terra. E bastará lêr o *Brazil mental*, *O encoberto*, *A ideia de Deus*, *Notas do exilio*, *Portuenses illustres* ou qualquer outra das suas obras, para se vêr que não exageramos.

Trata-se portanto d'um portuguez e d'um homem de valor, que, apesar de não musico, que me cõste, quiz applicar as suas brilhantes qualidades de observador estudioso a um caso particular da sciencia musical, que tem dado logar a grandes debates e sobre o qual os mais notaveis homens de sciencia se não conseguiram ainda pôr de accordo. Não declino o dever de uma exposiçã, ainda que summaria d'esses trabalhos, e de uma rapida apreciaçã das conclusões a que pretendeu chegar o distincto escriptor; mas, digo-o desde já, falham-me elementos, que reputo indispensaveis, para apprehender com precisão todos os promenores do audacioso plano, que o sr. Sampaio tem em mente, e, em taes condições, não posso sem uma natural hesitaçã arriscar opiniões pessoas, que mesmo estribadas em melhor base, peccariam certamente por carencia de auctoridade.

Um dos elementos essencialissimos para a analyse do caso seria a *Théorie exacte et notation finale de la musique*, opusculo que o sr. Sampaio deu á estampa em 1907, e de que não pude haver um exemplar. ¹ Tenho portanto que baseiar-me nas informações que sollicitei di-

¹ Já estava começado o artigo, quando, por especial gentileza do sr. Sampaio, pude obter um exemplar d'esta obra, que não foi posta no commercio e estava ha muito esgotada.

E' n'ella que buscarei os principaes topicos para a demonstraçã do novo systema musical.

rectamente do auctor, e a que elle correspondeu de resto em termos absolutamente captivantes, e nos impressos que ao assumpto se referem de fôrma succinta e por vezes incompleta.

O ponto de letigio é nada menos que a constituição da escala musical, isto é, a determinação exacta dos valores sonoros com que deve formar-se essa escala.

Tanto quanto se pôde deprehender das afirmações, mais ou menos empiricas, de historiadores e homens de sciencia, o ouvido dos antigos gregos comprazia-se em intonações que hoje não poderíamos supportar. O *organum* medioevo, placando quartas e quintas successivas, tambem nos dá a medida de quanto differe do d'aquelle tempo o sentimento que hoje temos da consonnancia. A musica persa, chinesa, japoneza ou tartara dispõe de gammas especiaes que as nações, que se dizem civilisadas, não comprehendem nem admittem.

E o que parece deduzir-se d'isso é que a nossa escala nem se baseia em leis puramente phisicas nem em conveniencias puramente physiologicas, mas é um producto, um tanto convencional, d'essas duas especies de leis, pouco a pouco modificadas pelos habitos, por particulares exigencias do ouvido e por imposições, de ordem pratica, surgidas mais ou menos lentamente na composição e execução da musica e na propria factura dos orgãos sonoros.

Assim, o problema da origem da escala e da maior ou menor legitimidade das suas partes componentes, é uma questão magna em que nunca puderam concordar os phisicos e os musicos e que mesmo em cada uma d'essas classes tem originado discussões sem numero.

Ha mais de 25 seculos que appareceu, com Pythagoras, o primeiro systema musical em que, por meio de numeros, se pretendeu fixar a relação entre as diversas notas da escala. Imaginando pelo numero 1 a quantidade de vibrações que temos de provocar em um corpo sonoro, corda vibrante ou tubo, para produzir a primeira nota da escala, *dó*, empregaremos o algarismo 2 para designar a oitava superior d'esse *dó*, visto ser o dobro o numero das suas vibrações, na mesma unidade de tempo. Partindo d'essa base, vejamos agora como, no systema pythagorico, se obtem o valor numerico das vibrações das notas intermediarias. Procede-se por quintas, dando á primeira, *sol*, o valôr da fracção $\frac{3}{2}$. Para obter o valôr de *ré*, quinta de *sol*, multiplicamos $\frac{3}{2}$ por $\frac{3}{2}$, o que dá $\frac{9}{4}$; mas como este *ré* já se encontra na oitava immediatamente superior á que estamos analysando, a fracção $\frac{9}{4}$ representa o dobro das vibrações e temos portanto de a reduzir a metade, $\frac{9}{8}$.

Partindo de *ré*, temos outra quinta, *la*, bastando multiplicar $\frac{9}{4}$ por $\frac{3}{2}$ para obtermos o numero das suas vibrações; o resultado da multiplicação é $\frac{27}{8}$, que é em realidade $\frac{27}{16}$ pela mesma razão apontada para o *ré*.

Para o *mi*, quinta de *la*, e seguindo o mesmo processo, multiplicamos $\frac{27}{8}$ por $\frac{3}{2}$, o que dá $\frac{81}{16}$; mas agora já estamos na segunda oitava superior á que pretendemos analysar e portanto o *mi* duas oitavas abaixo d'esta terá a quarta parte do numero de vibrações e será representado pela fracção $\frac{81}{64}$. Continuando o calculo no mesmo sentido, obteremos o numero de vibrações de todas as notas naturaes (menos o *fa*) e de todas as notas sustenidas. Para conhecermos o numero de vibrações do *fa* e das notas bemoladas procedemos inversamente, calculando as quintas successivas do *do* para baixo.

Disponhamos os valores assim obtidos na ordem da escala diatonica:

<i>dó</i>	<i>ré</i>	<i>mi</i>	<i>fa</i>	<i>sol</i>	<i>la</i>	<i>si</i>	<i>dó</i>
1	$\frac{9}{8}$	$\frac{81}{64}$	$\frac{4}{3}$	$\frac{3}{2}$	$\frac{27}{16}$	$\frac{243}{128}$	2

e para pouparmos os leitores á aridez de uma série de calculos arithmeticos, aliás simplicissimos, digamos-lhe desde já que a distancia numerica que por essa fôrma existe entre o *do* e o *ré*, entre o *ré* e o *mi*, entre o *fa* e o *sol*, entre o *sol* e o *la* e entre o *la* e o *si* é uniformemente de $\frac{9}{8}$, sendo representada pela fracção $\frac{256}{213}$ a distancia que separa o *mi* do *fa* e o *si* do *dó*.

Essa symetria de valôres, devo dizel-o, é de molde a conciliar a sympathia dos musicos, sendo a que mais se aproxima do que elles tem adoptado na pratica.

Mas ha ainda outro argumento, de não somenos valor, que milita em favor da escala pythagorica.

Para não delongar demasiadamente este artigo, não fixei o numero de vibrações, que corresponde por este systema a cada uma das notas accidentadas. E' uma lacuna que de resto o leitor curioso poderá preencher sem esforço, dadas as explicações precedentes, e verá então que cada uma das notas sustentadas tem maior numero de vibrações que a nota seguinte bemolada. Exemplificando: o *dó* sust. é mais alto que o *ré* bem., o *ré* sust. mais alto que o *mi* bem., etc., o que está absolutamente d'accordo com o instincto musical e até com a pratica de certos instrumentos musicos em que uma tal liberdade se póde consentir.

Sob o ponto de vista scientifico, ha comtudo um ponto vulneravel na doutrina do philosopho grego. E vem a ser que, partindo do *dó* por 12 quintas successivas e partindo do mesmo *dó* por 7 oitavas consecutivas, devemos chegar a duas notas absolutamente identicas no numero de vibrações, apezar de representadas por nomes diversos, *si* sust. e *dó*. E não chegamos. A successão das quintas ultrapassa a meta e dá-nos um *si* sust. que tem sobre o *dó* uma differença a mais de $\frac{531441}{524138}$. E' o que se chama o *comma pythagorico*, que os partidarios d'esta doutrina consideram como quantidade desprezavel, attento o pequeno valôr da fracção que o representa.

(Continúa).

Lambertini.



PORTUGAL

Como já se previa, foram os emprezarios do Theatro Real de Madrid, srs. Luiz Calleja e Antonio Boceta, os unicos pretendentes á empreza do nosso lyrico, acceitando as condições do concurso que o governo abrija e cuja summula aqui reproduzimos.

O distincto barytono portuguez, Mauricio Bensaude, que muito trabalhou para que se chegasse a esse resultado, foi nomeado director artistico da nova empreza.

* *

Está aberta a matricula para a frequencia das aulas da *Academia de Amadores de Musica*, no proximo anno lectivo.

* *

Parece que se realisa a 28, no *Conservatorio de Lisboa*, o concurso para professor effectivo da aula de violino. São concorrentes, ao que consta, os srs. Ivo da Cunha e Silva, Julio Cardona e Pavia de Magalhães, sendo dispen-

sadas aos dois ultimos algumas das habilitações da lei.

* *

Está em via de publicação o 5.º Boletim de musica a preços excepcionalmente reduzidos, editado periodicamente pela casa Lambertini. Será distribuido em outubro ou novembro a todos os assignantes d'esta revista e ás pessoas que o pedirem na séde da casa.

Até essa occasião, acceitam-se pedidos das obras annunciadas no 4.º Boletim e fornecem-se as que ainda não estiverem esgotadas.

ESTRANGEIRO

Em 25 d'este mez far-se-ha em Berlim um grande concerto em homenagem á memoria de Gustav Mahler. Tocar-se-ha a sua *Symphonia* em *dó* menor e uma peça de character funebre, que elle havia composto por occasião de um luto de familia.

* *

A Opera de Dresde solemnisa em 1913 o centenario do nascimento de Wagner com uma representação festiva da *Tetralogia*.

O pintor Ludwig Corinth está desde já encarregado de uma série de scenas novas, destinadas a essa solemnidade.

* *

O joven violinista hungaro, Joseph Szigeti, deu ha pouco tres concertos em homenagem a

Sarasate, em Pamplona, cidade natal do grande artista.

*
**

Em Copenhague pensa-se em fazer cantar uma opera ou drama musical, que foi encontrada entre os papeis do fallecido compositor Svendsen, e de que não havia conhecimento até agora.

*
**

Antonio Cotogni e Gemma Bellincioni, ambos retirados, como se sabe, da vida activa de cantores lyricos, vão publicar brevemente as suas memorias.

*
**

A municipalidade de Malta recebeu de um importante industrial o donativo de 20 contos e do architecto Pfeifer um terreno no valôr de 30 contos, sendo ambos destinados á construcção de uma grande sala de concertos.

*
**

Estão-se terminando as installações do novo Conservatorio de Paris, onde de resto já ha tempo funcionam as aulas.

Parece que o edificio terá todo o conforto moderno, amplas salas para museu e bibliotheca, jardins artisticamente traçados, aquecimento central, etc. O que se não conseguiu, que nos conste, foi reservar um bom local para o salão de concertos.

*
**

A *Salomé* de Strauss foi novamente ovacionada em Paris, tendo por interpretes principaes Mary Garden, Muratore e Dufranne.

A direcção d'orchestra estava confiada, como de costume, a Messenger.

*
**

Os chapéus das senhoras estão definitivamente proscriptos dos theatros de Berlim. Nas plateias já ninguem pensava em se apresentar de chapéu, mas a prohibição tornou-se agora extensiva aos camarotes, havendo uma multa de 100 marcos, não para a portadora do incommodo chapéu, mas para o director do theatro que a não faça sahir immediatamente do edificio.

*
**

Em Homburgo (não *Hamburgo*) trata-se de erigir um theatro antigo para dar representações de tragedias e comedias gregas e romanas, durante os mezes de verão.

Perto do theatro haverá uma grande arena para jogos olympicos, corridas de carros, etc.

*
**

Alguns millionarios de Nova York projectaram mandar esculpir um monumento em honra de Ambroise Thomas. Junto ao pedestal do monumento devem figurar as duas personagens mais populares da obra do grande compositor francez, Mignon e Ophelia.

*
**

A secretaria da guerra, em França, resolveu consentir aos mestres de musica militar o uso... da *bicyclette*. Este modo de viação, tão pouco marcial, deve comtudo ser aproveitado sómente para as grandes distancias e nunca dentro das cidades.

*
**

No proximo anno haverá em Paris um concurso internacional de musica coral, promovido pela municipalidade.

Consta que Camillo Saint-Saëns escreverá especialmente um coro para esse concurso.

*
**

O eminente artista Ch. Lefebvre foi nomeado membro do Conselho Superior do Conservatorio de Paris, em substituição do fallecido Guilmant.

*
**

Em menos de dois annos, a obra de Wagner cahirá no dominio publico e já não será preciso fazer a viagem de Bayreuth para conhecer o *Parsifal*.

Nos centros musicaes do estrangeiro, dividem-se muito as opiniões sobre a vantagem ou inconveniente de tal liberdade, sendo uns de parecer que a obra prima do mestre allemão terá toda a vantagem em ser divulgada em todo o mundo e suppondo outros que só no *Festspielhaus* é que poderá manter-se a verdadeira tradição da sua execução.

Parece comtudo que as ultimas representações da obra em Bayreuth desmentem de algum modo essa ultima asserção, visto que os artistas, principalmente as segundas partes, estiveram longe de corresponder ao que a critica tinha o direito d'exigir.

*
**

As peças que tem estado em preparo na Opera de Paris, algumas já representadas n'estes ultimos dias, são:—*Déjanire* de Saint-Saëns, *Le Cobzar* de Mad. Ferrari, a *Roussalka*, bailado de Lucien Lambert, *Ramsès* de Paul Vidal, o *Scenio* de Bachelet, *Roma* de Masse-

net e as *Bacchantes*, novo bailado de Alfredo Bruneau.

Fala-se tambem-se na *reprise* das operas *Fervaal*, *Ariane* e *D. Juan*.

* *

Não está ainda nomeado o successor de Felix Mottl em Munich; entre os candidatos ás funções de director geral de musica, tão brilhantemente desempenhadas pelo fallecido, citam-se comtudo o dr. Carl Muck, de Berlim, e Max Schillings, de Stuttgart.

* *

Além das festas de Heidelberg, a que nos referimos no ultimo numero, haverá tambem em Budapesth um grande festival para solemnisar o centenario de Franz Liszt.

Já está fixado o programma, que comporta o seguinte.

Em 21 de outubro, depois de um discurso pelo conde Apponyi, execução da *Missa da Coroação* na cathedral e á noite, na Opera, representação da *Lenda de Santa Isabel*, adaptada á scena.

Em 22 e 23 serão executadas as principaes obras de piano por Eugen d'Albert, Emilio Sauer, F. Lamond e Rosenthal.

Em 24, concerto symphonico sob a direcção de Felix Weingartner, Siegfried Wagner e Stephan Kermes. Por fim, em 25, audição do *Christus* na Opera.

* *

Em Wiesbaden haverá de 29 de maio a 3 de junho do anno proximo, um festival de obras de Brahms, dirigido por Fritz Steinbach.

* *

A pianista Geneviève Dehelly, que ha annos esteve em Lisboa, fez-se agora applaudir calorosamente em S. Sebastian, tocando os *Concertos* de Liszt e Schumann, e sendo acompanhada pela orchestra de Arbós.

Em Ostende, onde estivera precedentemente, tambem teve grande exito no *Concerto em mi bemol*, de Beethoven.

* *

O já notavel pianista hespanhol, Alejandro Ribo, está passando o verão em San Gervasio, ao pé de Barcelona, e dedica-se entusiasticamente á... pintura.

Antes de voltar para Paris, onde costuma residir, exporá as suas telas em Barcelona e dará alguns concertos de piano na mesma cidade.

* *

Entre as obras de litteratura musical, ultimamente publicadas, contam-se: - *Glinka* por Calvocoressi, *Musique et musiciens de la Vieille France* por Michel Brunet, e *Studienbuch* de Galston.

O primeiro faz parte da conhecida collecção dos *Musiciens célèbres*.

* *

A excellente e tão nossa conhecida pianista, Teresa Carreño, conta fazer no proximo inverno uma excursão de concertos por varios paizes da Europa, principalmente Inglaterra e Allemanha.

* *

A fantasia e fuga de Liszt, para orgão, sobre o choral dos anabaptistas do *Propheta*, teve agora em Zurich uma execução notavel por parte de Wilhelm Middelschulte.

Esta obra é raramente tocada, não só pela grande difficuldade da execução, como pela sua excepcional dimensão. Dura nada menos de quarenta minutos!

* *

A «Sociedade Bach» teve agora uma interessante iniciativa - fazer reparar todos os orgãos antigos e outros instrumentos de teclado que figuram no museu d'Eisenach, consagrado, como se sabe, ao grande *cantor*.

Foi um habil constructor d'orgãos, de nome Hickmann, o encarregado d'esses importantes restauros.

* *

Em Munich, devem executar-se no proximo inverno, duas notaveis obras ineditas de Gustav Mahler: - a *Nona Symphonia* e o *Canto da Terra*.

Esta ultima composição é escripta para tenor, violeta a solo e orchestra.

* *

No Conselho Municipal de Paris, e por proposta de Emile Massard, está-se estudando o projecto da criação d'uma escola secundaria de musica e arte dramatica, ou seja um conservatorio municipal.

Os auctores do projecto são dois conhecidos artistas, Auguste Chapuis, inspector de canto nas escolas, e Victor Charpentier, o director das grandes audições gratuitas, que com tanto exito se tem realisado na capital franceza.